



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM ALENCAR: UM ESTUDO SOBRE AS PERSONAGENS *AURÉLIA* E *LÚCIA*

Jéssica Pereira Gonçalves (1); Alachermam Braddylla Estevam da Silva (2); Tássia Tavares de Oliveira (3).

(1) Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: jessica.pgs2@hotmail.com (2) Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: alashermam_t@hotmail.com (3) Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: tassiatavares@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Lucíola e *Senhora* são duas importantes obras de José de Alencar, considerado o maior romancista brasileiro do período romântico. Ambas enquadram-se na categoria dos romances urbanos do autor, retratando a sociedade burguesa fluminense do século XIX. Devido à grandiosidade de suas obras, a riqueza de detalhes nas descrições e o estilo de escrita impecável, desde sempre seus romances (principalmente aqueles que compõem o Cânone da Literatura Brasileira) renderam diversas pesquisas, retratando os costumes da época, destacando a presença das características românticas ou ainda analisando a representação feminina nas obras do autor. Em relação a esse último tópico é pertinente observar que o interesse pela imagem da mulher na sociedade não é restrito à literatura, observamos que há um movimento muito forte (que não é recente) em analisar como a mulher é retratada nos diversos meios de comunicação (TV, cinema, publicidade), mas que, é de extrema pertinência observar nas diferentes épocas o papel que as personagens femininas desempenham nas obras literárias, uma vez que a literatura é uma forma de representação da sociedade. Através da obra literária é possível ter um conhecimento mais amplo sobre as relações sociais entre homens e mulheres, como também os conflitos decorrentes das mesmas. Por meio dos romances encontramos ideologias, comportamentos sociais e muitas vezes preconceitos oriundos de outras épocas que através da leitura das obras vem ao conhecimento do leitor.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No presente artigo, iremos fazer uma análise comparativa dos romances *Lucíola* e *Senhora* tendo como objetivo principal analisar as personagens Aurélia e Lúcia, no tocante a seus comportamentos, tentando demonstrar que, embora sejam mulheres retratadas por um autor do século XIX, apresentam, além das características típicas do Romantismo, características muito próximas ao realismo e sobretudo atuais, comprovando-nos que não existe a possibilidade de considerar a obra de Alencar como ultrapassada ou inutilizável.

Utilizamos como aporte teórico para nossa pesquisa obras de importantes críticos literários como Cândido (2000) e Amora (1967), além de tomarmos como base artigos mais recentes que analisam as obras por nós trabalhadas, como Vasconcelos (2010), Thiengo (2009).

2. METODOLOGIA

O presente artigo configura-se enquanto uma pesquisa de cunho qualitativo e nossos resultados foram obtidos através da análise interpretativa e comparativa das obras românticas, do autor José de Alencar: *Senhora* (1991) e *Lucíola* (2011). Ambas as obras, como já mencionamos anteriormente, apresentam personagens femininas que são colocadas em destaque nas obras citadas.

No decorrer do artigo, portanto iremos analisar como essas duas personagens são apresentadas nas narrativas, levando em consideração que estas estão sendo concebidas de acordo com a visão de um narrador do gênero masculino e que viveu em uma época e pertenceu a uma sociedade com valores sociais diversos dos atuais.

Veremos dessa forma quais as características atribuídas a essas mulheres, tentando perceber quais as nuances empregadas pelo autor ao delimitar a representação do gênero feminino em dois romances escritos em uma época socio-histórica-cultural diversa. Será que essas mulheres são representadas como são as mulheres atualmente? É o que apresentaremos no decorrer do artigo, baseando-nos nas considerações dos teóricos que acima mencionamos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

3.1 REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

A literatura, como arte que representa a sociedade, sempre proporcionou importantes ponderações sobre épocas, estilos, comportamentos, de um dado contexto histórico. Sobre a representação feminina, é interessante observar como ela é e foi retratada nos mais diversos momentos sociais. Características foram sendo atribuídas a ponto de criarem-se estereótipos a seu respeito. Obviamente, seus comportamentos foram mudando com o passar dos anos e características que antes eram atribuídas à mulher do século XIX hoje não são mais. Afinal, não teria como ser diferente, pois o tempo traz consigo novas exigências.

Sobre a mulher romântica, aquela a qual deteremos nosso olhar na presente pesquisa, não basta apenas à afirmação de que esta era idealizada torna-se fundamental entender o que caracteriza tal idealização. Amora (1967) ao delimitar os principais aspectos sobre o romantismo apresenta-nos algumas informações acerca do sexo feminino desse período,

Inteligente, mas submissa; sensível, mas pudibunda; exaltada, mas contida; bela e vaidosa, mas fiel aos princípios da moral e do dever, a brasileira é filha que nunca se desprende de todo de seus pais, esposa que sempre e sempre zela o amor, e ainda mesmo desamada, honra por sua honra o nome de seu marido. (AMORA, 1967, p. 33).

Essas características eram atribuídas às mulheres românticas e, como se trata de uma generalização e em toda generalização ocorre equívocos, observamos que muitas vezes, personagens ditas românticas apresentam um desvio dessas idealizações. As ideias apresentadas por Amora (1967) claramente são refletidas nas personagens dos romances da época romântica, uma vez que são delimitados diferentes perfis femininos e muitos apresentam tais semelhanças. No entanto, é complicado tentar enquadrar as personagens em um único e determinado período literário uma vez que características diversas delimitam essas personagens, e a literatura é uma manifestação muito mais abrangente do que uma mera classificação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Alencar, ao escrever os romances *Senhora e Luciola*, apresenta-nos personagens que são descritas na posição central da obra de uma forma muito peculiar. A descrição constitui um dos recursos fortemente utilizados pelo autor para elencar as características múltiplas das personagens. Nota-se facilmente que Alencar criou personagens idealizadas; são mulheres belas, admiradas e exaltadas por todos (mesmo em Lúcia sendo uma cortesã, observamos que há a admiração e exaltação, que se configura em desejo por parte principalmente dos homens). Apresenta-se também, embora que de forma sutil, características antes não atribuídas ao sexo feminino, pois, Aurélia e Lúcia são mulheres extremamente inteligentes, dominam todos os assuntos e sabem principalmente lidar com os negócios, ambas dispõem de um bom capital financeiro, superior, sobretudo em relação a dos seus pares românticos Seixas e Paulo, respectivamente.

Alencar então de certa forma inova ao descrever o perfil comportamental e atitudinal dessas duas mulheres. Candido (2000) reforça essas informações acerca da presença feminina principalmente nas obras do autor. Ao descrevê-lo, o divide em "três eus", um que escreve para os rapazes, relacionado ao heroísmo, um que escreve para as moças, graciosamente, e um terceiro, no qual se enquadram as obras aqui analisadas.

É o Alencar que se poderia chamar dos adultos, formado por uma série de elementos poucos heróicos e poucos elegantes, mas denotadores dum senso artístico e humano que dá contorno aquilino a alguns dos seus perfis de homem e mulher. Este Alencar, difuso pelos outros livros, se contém mais visivelmente em *Senhora e, sobretudo, Luciola*, únicos livros, em que a mulher e o homem se defrontam num plano de igualdade, dotados de peso específico e capazes daquele amadurecimento interior inexistente nos outros bonecos e bonecas. (CANDIDO, 2000, p. 204)

Notemos que o crítico enfatiza essa delimitação de perfis de homens e mulheres que antes eram inexistentes nos outros personagens do autor definidos como "bonecas e bonecos". Em relação à representação da mulher nas narrativas alencarianas, Vasconcelos (2010, p.11) nos afirma que o autor "cria perfis de mulheres independentes e determinadas, em uma sociedade extremamente patriarcal e conservadora". Percebemos claramente essa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

determinação e independência nas personagens Aurélia e Lúcia. Esta salva sua família pagando um alto preço, vende seu corpo, mas conserva sua alma intacta e adormecida só sendo outra vez expressa por meio do amor de Paulo que a salva e restitui sua honra. Aquela, podendo ter qualquer um homem da corte, prefere o que a trocou por dinheiro no passado, como uma forma de vingança e, ao mesmo tempo, como forma de ter o único amor da sua vida, nem que seja como uma mercadoria. Esses são os perfis de mulheres criados por Alencar e por nós aqui analisados.

3.2 AS MULHERES SOB A ÓTICA DE ALENCAR – LÚCIA E AURÉLIA

Os perfis femininos representados em *Lucíola* por Lúcia e em *Senhora* por Aurélia são de mulheres que encantam pela personalidade forte e, num primeiro momento, anticonvencional, pois fogem, em parte, aos padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade. É interessante destacar que elas são criadas a partir da ótica masculina, que traz ao leitor o conhecimento de suas qualidades e defeitos assim como os valores impostos pela sociedade burguesa.

Lucíola é o primeiro romance da trilogia que Alencar se deteve a estudar os “perfis de mulheres” (*Lucíola*, *Diva* e *Senhora*), situando-se entre os romances urbanos que retratam a vida burguesa do século XIX. O narrador da história é Paulo Silva, um personagem importante da mesma, é ele quem narra as cartas dirigidas a uma senhora G.M, que as publica em um livro com o título de *Lucíola*. Lúcia é a personagem principal, uma criatura enigmática e excêntrica que desenvolve na obra um comportamento ora virtuoso, ora pecaminoso, o que muitas vezes deixa seu amado Paulo perplexo e confuso.

A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortesã franca e imprudente; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga reminiscência do meu espírito, me preocupavam sem querer. (ALENCAR, 1987, p. 14)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como vemos pela definição, Lúcia é descrita por Paulo, como uma mulher enigmática, misteriosa e contrastante: tem uma expressão cândida, mas ao mesmo tempo é imprudente, suas palavras não condiziam com sua aparência. Isso acontece, pois sua aparência funciona apenas como uma máscara que esconde por trás daquelas roupas e daquelas palavras uma mulher pura, que foi contaminada pela ganância e conseqüentemente maldade humana. Porém, o único que conhece a Lúcia sem a máscara é Paulo que é também o responsável pelo afloramento da alma pura e singela de Lúcia. De acordo com os outros personagens temos a seguinte definição da personagem,

É uma mulher que só pode ser apreciada de copo na mão e charuto na boca, depois de ter no estomago dois litros de champanha pelo menos. Nessas ocasiões torna-se sublime! Fora disso é excêntrica, espontânea e insuportável! Ninguém a compreende. (ALENCAR, 1987, p. 67)

Nesse ponto, ressalta-se que o princípio feminino é profundamente paradoxal e largamente explorado no século XIX. Michelle Perrot (2005) ressalta que a “natureza feminina” é representada em dois polos: um maternal e benéfico; outro, mágico, vermelho como o sangue, negro como o diabo, verdadeiramente maléfico. Esse princípio duplo da “natureza feminina” está presente em Lucíola, quando a protagonista encarna tanto o princípio positivo da mulher pura e casta quanto o negativo dessa natureza, o que a torna enigmática para Paulo e para os leitores de Alencar.

Lúcia, por ser uma cortesã e possuir vida sexual ativa e promíscua, apresenta a dor e o sofrimento em seu ser, pelo peso do desprezo de sua família, esta que ela salvou vendendo seu corpo. Nesse trecho da obra, o personagem do Sr. Couto tem um papel fundamental para os entrelaçamentos do romance, pois foi ele que se aproveitou da necessidade e inocência de Lúcia, sendo o responsável pela sua entrada na prostituição, quando esta tinha apenas 14 anos.

Tudo quanto era possível, meu Deus, sinto que o fiz. Já não dormia; sustentava-me com uma xícara de café. Nalgum momento de repouso ia à porta e pedia aos que passavam. Pedia para meu pai enfermo, e para minha mãe moribunda, não tinha vexame. Uma tarde perdi a coragem; meu irmão estava na agonia, minha mãe despedira-se de mim, e Ana, minha irmãzinha, que eu tinha criado e amara como minha filha, já não dava acordo de si.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Passou um vizinho. Falei-lhe; ele me consolou e disse-me que o acompanhasse à sua casa. A inocência e a dor me cegaram: acompanhei-o. Lúcia fez um esforço para continuar:
– Esse homem era o Couto...
– Ah!
– Ele tirou do bolso algumas moedas de ouro, sobre as quais me precipitei, pedindo-lhe de joelhos que, mas desse para salvar minha mãe; mas senti os seus lábios que me tocavam, e fugi. Oh! Não posso contar-lhe que luta foi a minha: três vezes corri espavorida até à casa, e diante daquela agonia sentia renascer a coragem, e voltava. Não sabia o que queria esse homem; ignorava então o que é a honra e a virtude da mulher, o que se revoltava em mim era o pudor ofendido. Desde que os meus véus se despedaçavam, cuidei que morria; não senti nada mais, nada, senão o contato frio das moedas de ouro que eu cerrava na minha mão crispada. O meu pensamento estava junto do leito de dor, onde gemia tudo o que eu amava neste mundo. (ALENCAR, 1987, p. 98)

A sociedade burguesa e patriarcal se mostra indiferente ao sofrimento e à luta de Lúcia para salvar a família, lança-a na rua, sendo isso, a causa posteriormente da venda do corpo e o início de sua vida como cortesã. A partir desse momento, a menina sobreposta como casta e inocente, assume sua nova personalidade. Com essa nova identidade, Lúcia tenta se adaptar ao novo mundo e abusa de sua beleza impecável para sobreviver. Porém, as suas lembranças e seu coração bom e puro não são tocados por nenhum homem, eles podem até possuir o seu corpo, porém nunca sua alma, que permanece resguardada, nobre e casta.

Tive força para sacrificar-lhes outrora o meu corpo virgem; hoje depois de cinco anos de infâmia, sinto que não teria a coragem de profanar a castidade de minha alma. Não sei o que sou, sei que começo a viver, que ressuscitei agora, disse Lúcia após sentir a afeição de Paulo. (ALENCAR, 1987, p. 112)

Como vemos, Paulo aparece na vida de Lúcia como um salvador, pois só ele consegue enxergar a pureza que ela, mesmo depois de tudo, conservava. Ela encontra no seu amor forças para recuperar a dignidade da alma, porém, não encontra forças para começar uma vida nova ao lado dele. Pois, as “mulheres indignas de amor” como ela não podiam, segundo as normas sociais da época, serem abençoadas com o matrimônio e a maternidade. E como vemos nesse aspecto o autor apenas reproduz o pensamento burguês vigente.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesse sentido, Potieri (1988), considera que a mulher oitocentista deve perceber que, sendo ela guardiã da moral, não pode esquecer o seu papel na sociedade: a de mantenedora da ordem familiar. E para as mulheres do século XIX, Lúcia representaria a coerção que uma mulher deve sofrer por entregar o corpo como uma mercadoria, por isso seu destino é a morte, já que se afastou dos padrões aceitos de moralidade. E numa, atitude típica de uma heroína romântica, Lúcia anseia morrer nos braços do homem amado.

Ainda quando soubesse que morreria nos seus braços... que morte mais doce eu poderia desejar!... desejava que fosse possível morrermos assim um no outro, uma só vida extinguindo-se em um só corpo”. (ALENCAR, 1987, p.X)

Sendo assim, para não romper com os ideais românticos da moral no que tange à mulher, Marco (1986), nos apresenta que ao final da narrativa, Lúcia não morre devido às complicações médicas, ela morre textualmente como superação do último obstáculo para concretização de sua transformação na mulher ideal, ser inteiramente espiritual.

De forma mais ampla, observamos que uma temática norteadora de *Luciola* é a situação social da mulher em face ao amor. Do “amor” concebido romanticamente por seu caráter de renúncias, de sacrifícios. Entretanto, diferentemente da maioria das obras românticas, o triunfo do amor nessa obra não se configurou em um final feliz. Como vemos, Lúcia é descrita com características fortes: é uma mulher decidida, esperta, rica, independente e, sobretudo enigmática, ao mesmo tempo observamos que essa é apenas uma máscara que esconde uma mulher fortemente idealizada: pura, ingênua e totalmente dependente do amor.

De *Luciola* partimos para outro romance urbano de Alencar que assim como o primeiro nos apresenta um perfil de mulher encantadora. Nas primeiras linhas do livro *Senhora* já temos um princípio de detalhamento primoroso oferecido por Alencar. Pode-se através da riqueza de detalhes imaginar tamanha beleza exaltada pelo autor ao descrever a heroína do livro. Temos a seguinte definição desta senhora,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. (ALENCAR, 2012, p. 07)

Como vemos, desde o começo do livro já nos deparamos com essa descrição da personagem, que a cada página vai ganhando contornos mais nítidos. Aurélia é apresentada em duas fases: na primeira é pobre e mora com a sua mãe. Esta tem medo que a filha fique desamparada após a sua morte e pede para que Aurélia mostre-se à janela para que os rapazes vejam sua beleza e almejem casar-se com ela. É assim que Aurélia conhece Seixas, seu verdadeiro amor. Na segunda fase ela reaparece rica devido à herança de seu avô que antes não lhe reconheceria como neta. O novo dote possibilita-lhe "comprar" Seixas, que a havia trocado por uma moça mais rica quando ela ainda era pobre e estava noiva dele.

Como é descrito na obra, Aurélia conhece bem as duas faces do dinheiro: sua abundância e sua falta, em suas palavras "Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso." (ALENCAR, 2010, p.17). No decorrer de toda a obra Aurélia vai demonstrando a aversão que possui ao dinheiro e principalmente ao que ele faz com os homens. Em sua opinião, as pessoas deixavam-se vender como se fossem realmente mercadorias, em vários fragmentos do livro a personagem vai expressando sua opinião negativa em relação à riqueza, "considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens." (ALENCAR, 2010, p. 17)

Vemos então, que o autor traça sua moral e suas características apresentando-a como uma mulher forte, determinada, independente, corajosa e, sobretudo inteligente.

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse. (ALENCAR, 2012, p)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A inteligência, que de acordo com a visão da sociedade geral e do próprio autor, era de propriedade masculina, é posta em Aurélia. Temos então, uma mulher de uma beleza idealizável e incontestável e de uma inteligência considerada inexistente no sexo feminino, visão altamente preconceituosa da sociedade burguesa vigente.

Aurélia ainda é descrita como uma mulher culta que dominava as características que eram impostas para as mulheres da sociedade "tocava piano, cantava, conversava com deputados e diplomatas de modo a encantá-los". Sua inteligência e desenvoltura eram tamanhas que chegava a deslumbrar pessoas consideradas de alto nível social como os políticos, estes conhecidos por ter um domínio amplo de conhecimentos diversos. Portanto, a partir desses e outros fragmentos da obra, vemos como Alencar exalta a personagem, distinguindo-a das demais mulheres "normais" apresentadas que cumprem apenas o papel de esposa e mãe dedicada.

A Independência de Aurélia é outro aspecto a se considerar. Esta, órfã de mãe e de pai, vivia com uma dama de companhia apenas por conveniência, pois não era comum uma moça morar sozinha. Tinha também um tutor, o Lemos, este, no entanto, era totalmente dominado pelas excentricidades e caprichos da jovem, "a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse". (ALENCAR, 2010, p.17).

Podemos notar as características descritas em relação à Aurélia: independência, determinação, coragem e força. Alencar cria uma imagem de mulher que podemos considerar inovadora, uma vez que ela é descrita não apenas fisicamente, seus atributos não se restringem apenas à beleza impecável. Notamos que, além disso, Aurélia é inteligente, esperta e com personalidade forte. Dessa forma, é interessante retomar uma afirmação feita por Vasconcelos (2010, p.17) ao analisar a obra: "Aurélia representa as ideias e atitudes de muitas mulheres reais e serve de inspiração para a tomada de consciência de muitas outras." Esse aspecto é um dos que explicam o sucesso de Aurélia entre os leitores (principalmente leitoras) não é apresentada uma mulher distante do real, embora seja uma mulher de outra época, a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

leitora consegue se identificar com a trama vivida por essa personagem com características às vezes tão verossímeis.

Ocorre que, no entanto, não podemos desconsiderar o final do livro no qual observamos que Alencar tenta transpor Aurélia para a posição imposta pela sociedade, como mulher dona de casa, serva de seu marido e dominada por ele. De certa forma, observamos que Alencar age de forma convencional, reproduzindo os valores da sociedade burguesa do período, ao menos no final do romance, em que o amor materializado no matrimônio convencional triunfa sobre a ambição ou vingança dos personagens, assim como também ocorre em *Lucíola*, com a diferença que Aurélia tem um final feliz através do casamento e Lúcia tem um final tradicional e triste, a morte.

Aurélia, não fossem as circunstâncias, teria sido como as outras mulheres, sendo este o ideal da narrativa. Aurélia foi desviada do destino desejado pelas circunstâncias, mas estas podem ser removidas, e ela então se reconciliará com seu destino de mulher. Aurélia, primeiro com o dote, depois com perdão, e finalmente com a transferência de toda a sua fortuna para Seixas, irá eliminar as circunstâncias que dele a separam. (THIENGO, 2009, p. 13)

Como vemos, ocorre uma contradição no final do romance. O mesmo autor que descreve uma mulher com tantas características avançadas para a sua época no decorrer do romance, é o mesmo que apresenta uma reviravolta no final, reafirmando a ideia da existência de um destino certo e previsível para as mulheres: submissas ao amor e principalmente ao homem amado para serem felizes. Esse fato nem de longe desqualificam os romances, ou as personagens. *Senhora*, assim como *Lucíola*, são obras que encantam pelo seu valor estético e pelo seu valor social, através delas Alencar apresenta-nos mulheres com características inovadoras, mas encontram desfechos conservadores.

CONCLUSÕES



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Senhora e Luciola são duas importantes obras de José de Alencar que desde a época de suas publicações envolvem os leitores. Observar como as personagens femininas são construídas nas obras é interessante para que se possam descobrir costumes de uma determinada época e comportamentos típicos, e muitas vezes estigmatizados, através da visão masculina dos narradores.

Em relação aos perfis traçados por Alencar nas narrativas acima citadas, notamos uma imensidade de traços detalhadamente trabalhados, que apresenta-nos a dificuldade em definir mulheres tão singulares como as personagens, Aurélia e Lúcia, que dão vida aos romances. Tentar "decifrar" essas duas personagens tão complexas é um dos encantos proporcionados pela leitura das obras. Através de uma abordagem convencional e também em alguns momentos inovadora, Alencar consegue transmitir ao leitor a imagem de duas mulheres admiráveis, ao mesmo tempo pela beleza incomparável e, sobretudo, pela determinação e força que representam. *Senhora e Luciola* são sem dúvidas duas obras primas desse tão importante romancista brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Luciola*. Rio de Janeiro: Martin Clared, 2011.

_____. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1991.

AMORA, Antônio Soares. *O romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1967.

CANDIDO, Antonio. *Os três Alencares*. In: Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

CRUZ, Ana Léa da. *Lúcia e Aurélia Mulheres anticonvencionais*. Linguagem em (Re)vista. Niterói, 2004.

MARCO, Valéria de. *O império da cortesã: Luciola, um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POTIERI, Regina Lúcia. *A voragem do olhar*. São Paulo: Perspectiva, 1988.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

VASCONCELOS, Maria Goreth Figueiredo. *A reviravolta dos finais: uma leitura da representação feminina nos romances de Alencar*. Vol. 2, São Cristóvão: Gelic, 2010.

THIENGO, Mariana. *O perfil de mulher no romance senhora, de José de Alencar*. Paraná: Travessias. 2009.